A Selva: escassez feminina & bestialidade masculina no romance de Ferreira de Castro[1]

Waltshinei Marcolino Leite da Silva[2]

Resumo:

Este trabalho tem por objetivo analisar a temática da escassez feminina presente no romance "A Selva", de autoria do escritor português José Maria Ferreira de Castro. Trata-se de uma temática muito expressiva no romance aqui tomado como objeto de análise, uma vez que o aprisionamento dos trabalhadores na floresta amazônica durante a exploração do ciclo da borracha teve como consequência não só o trabalho escravo, também tema muito discutido na obra de Ferreira de Castro, mas também as más condições enfrentadas pelos trabalhadores, em sua maioria nordestinos, submetidos as mais diversas formas de privações, entre elas a ausência da presença feminina nos seringais, fator este que provoca mudanças comportamentais nos seringueiros, evidenciando características sociais de um grupo de pessoas presas a um sistema exploratório muito comum nos seringais amazonenses. Para desenvolver a análise aqui proposta, busco apoio teórico em autores como Antônio Candido (2006), Luciem Goldmann (1976), Márcio Souza (2009), Massaud Moises (2007), Neide Gondim (2007), entre outros, que possibilitarão uma contextualização histórico-social relacionada ao período do ciclo da borracha na Amazônia.

Palavras-chave: A Selva. Escassez Feminina. Seringais amazonenses.

Abstract:

This work aims to analyze the theme of female shortage presents in the novel "A Selva" *(*The Jungle*)* by José Maria Ferreira de Castro, a Portuguese writer. It is a very significant theme in novel, here taken as an object of analysis, since the imprisonment of workers in the Amazon rainforest during the exploration of the rubber boom it has resulted not only slave labor also much discussed topic in the work of Ferreira de Castro, but also the poor conditions faced by workers, mostly Northeastern, subjected to various forms of deprivations, including the lack of female presence in the *seringal* (rubber tree plantation) factor that causes behavioral changes of the *seringueiros* (rubber tapper), showing social characteristics of a group of people enslaved to a system exploration very common in Amazonian *seringais* (rubber tree plantations). To develop the analysis proposed here, we seek theoretical support in authors such as Antonio Candido (2006), Luciem Goldmann (1976), Márcio Souza (2009), Massaud Moises (2007), Neide Gondim (2007), among others who enable a contextualization historical-social related to the period of the rubber boom in the Amazon.

Keywords: A Selva (The Jungle). Female Shortage. Amazonian *Seringais* (rubber tree plantations)

---

[1] Artigo desenvolvido como requisito parcial e obrigatório para obtenção do grau de Licenciado em Letras, sob orientação da professora Mestra Joanna da Silva, a ser defendido como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no Curso de Letras do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente da Universidade Federal do Amazonas.

[2] Acadêmico finalista do curso de Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Inglesa, do IEAA/UFAM.

1. Introdução

A literatura nos proporciona classificações distintas que revelam uma gama elevada de conhecimentos socioculturais em um determinado tempo. Através das narrativas literárias é possível identificar acontecimentos que retratam características de diferentes povos e grupos de pessoas.

As sociedades existentes são heterogêneas e sofrem constantes mudanças em busca do desenvolvimento. Em se tratando da sociedade amazonense, constata-se que nas obras literárias existem grandes desenvolvimentos culturais dos povos considerados tradicionais. Assim, o teor das evoluções é acessível na atualidade devido a pesquisas e estudos realizados por pessoas de diferentes áreas do conhecimento, expondo características e costumes da geração antiga para uma atual.

Levando-se em conta características que a literatura pode nos proporcionar, este trabalho tem como objetivo desenvolver um estudo a respeito da escassez feminina retratada no romance "A Selva", do autor José Maria Ferreira de Castro, cuja obra demonstra a experiência de acontecimentos vividos pelo próprio escritor quando esteve no seringal Paraíso durante sua juventude. Acontecimentos que denunciam as condições degradantes de uma classe menosprezada pela elite daquela época.

Utilizando como foco de análise as consequências da escassez feminina no seringal, a metodologia adotada neste trabalho terá um enfoque critico/analítico direcionado as mudanças de comportamentos provocadas pelo escasso quantitativo feminino no seringal. Desta forma, a presente análise buscará, em um primeiro momento, desenvolver uma contextualização histórico-social referente ao período do ciclo da borracha na Amazônia, embasada em autores como CUNHA (1999), GONDIM (2007), SOUZA (2009), entre outros. Num segundo momento, discuto questões relacionadas ao comportamento humano impulsionado pelas condições sociais as quais encontra-se submetido, para tanto, busco apoio teórico em críticos com CANDIDO (2006), GOLDMANN (1976), MOISES (2007) LIMA (2009), entre outros. Com base nas referências bibliográficas citadas, procuro desenvolver uma análise que evidencie a conduta adotada pelos seringueiros, que tem como fator preponderante a mínima quantidade de mulheres presentes na narrativa da obra "A Selva".

Durante a análise de produções literária é importante averiguar o contexto social e histórico no qual a obra encontra-se inserida para, a partir de sua contextualização, destacar as mudanças comportamentais da sociedade. Assim, busco analisar os comportamentos adotados

pelos seringueiros levando-se em conta a pequena quantidade de mulheres descritas na narrativa aqui eleita como objeto de análise.

2. A sociologia na Literatura Romanesca

Ao produzir uma obra literária o autor, utilizando da função autoral, nela incorpora fatores históricos e sociais indispensáveis em sua delineação, desta forma, uma obra literária recebe influências do meio social no qual foi produzida. Assim, torna-se importante à compreensão da contextualização dos fatores sociais inerentes à obra literária, tais como tempo, espaço, economia, gênero, família, trabalho, relações sociais e interpessoais, uma vez que a Literatura apresenta/representa aspectos históricos e sociais que revelam, de maneira particular, os valores de uma determinada sociedade, como nos orienta Antônio Candido:

> [...] antes procurava-se mostrar que o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial. Depois, chegou-se à posição oposta, procurando-se mostrar que a matéria de uma obra é secundária, e que a sua importância deriva das operações formais postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social, considerado inoperante como elemento de compreensão. Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas: e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra[...] (CANDIDO, 2006, p. 13).

Podemos perceber que a interpretação de uma obra já foi, por vezes, ligada aos aspectos sociais e outras vezes esses aspectos foram deixados em segundo plano. Porém, Candido afirma que tanto o texto autoral quanto o contexto, não podem ser dissociados no momento da análise de uma obra: "o *Externo* (no caso, o social), importa não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*." (CANDIDO, *op. cit.*, p. 14). Assim, para compreender uma obra literária é necessário levar em conta o contexto no qual ela se insere, pois o autor pode sugerir, na composição do texto, circunstâncias sociais que o define como fator externo. Enquanto o fator interno, de acordo com Candido, situa-se na

> [...]própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo. Neste caso, saímos dos aspectos periféricos da sociologia, ou da história sociologicamente orientada, para chegar a uma interpretação estética

> que assimilou a dimensão social como fator de arte. Quando isto se dá, ocorre o paradoxo assinalado inicialmente: o externo se torna interno [...]. (CANDIDO, 2006, p. 16-17)

Levando em conta o disposto acima, o Romance é um gênero literário que pode ser analisado pelo viés dos elementos externos e internos. Estes estão contidos implicitamente na narrativa, expondo valores contextualizados em um determinado momento e, assim, elementos externos podem tornar-se internos. Sobre isso Lucien Goldmann diz:

> [...] o romance, no sentido que lhe emprestam Lukács e Girard, seria um gênero literário no qual os valôres autênticos, tema permanente de discursões, não se apresentam na obra sob a forma de personagens conscientes ou de realidades concretas. Êsses valôres[3] existem apenas em forma abstrata e conceptual na consciência do romancista, onde se revestem de um caráter *ético*. (GOLDMANN, 1976, p. 14)

Assim, o estudo da literatura não pode limitar-se somente às relações entre o escritor e a obra, pois se assim o fizer, a análise fornecerá apenas uma imagem da unidade interna da obra, ou seja, detendo-se a estrutura da linguagem. Portanto, é necessário interpretar fatores, valores estéticos e implícitos, dentro da linguagem narrativa, para um entendimento aprofundado da obra, o que também, além de enriquecer nosso conhecimento, contribui para uma análise mais profunda da temática pesquisada.

No entanto, isto não significa que a obra romanesca/ficcional mostre com fidelidade todos os fatos de uma sociedade em um terminado período, mas apresenta/representa uma gama de valores morais significativos, dos quais o autor se apropria e os transforma em criação artística, veículo este utilizado para expor seus pensamentos, sua visão de mundo e da sociedade a qual pertence. Afinal, o indivíduo só pode compreender, ou obter experiências, e avalia-las dentro do ambiente em que vive. Desse modo, como nos apresenta Brito e Santos,

> Uma obra não traduz fielmente a sociedade que a comporta, isso talvez nenhuma forma narrativa o faça. No entanto, é nos tipos, nas referências, nos valores morais, nas tomadas de posição etc. que a sociedade exige e coloca, que a criação artística irrompe e se alimenta. (BRITO e SANTOS, 2008, p. 08)

Neste sentido, a arte implica em algo mais amplo que as experiências do artista, ou seja, o autor, inserido em um grupo social, assimila os princípios adotados pelo conjunto de

[3] Optamos por manter a grafia original do texto transcrito.

indivíduos que muda com o passar do tempo. Assim, a linguagem do texto e os fatores externos e internos, que influenciam na escrita, englobam-se para dar um sentido completo à obra. Tais fatores oferecem uma nova forma de análise, que é o estudo sociológico aplicado à literatura, combinando autor, obra e público.

Assim, observa-se que ao analisar uma obra torna-se necessário uma abordagem na qual se considere a inserção de elementos sociais (ambiente, costumes, ideias, traços grupais), os quais atuam sobre o desenvolvimento da trama e encontram-se diretamente ligados ao desenvolvimento dos personagens. Ao desenvolvermos a análise de uma obra, torna-se imprescindível a averiguação de situações sociais cujos fatos e costumes são entendidos como fortemente relacionados a uma contextualização histórico-social pois, segundo Nelly Novaes Coelho, o autor pode implementar em sua obra "narrativas que se constroem com *fatos reais* (facilmente identificados na vida cotidiana ou histórica)." (COELHO, 2009, p. 53).

Neste sentido, podemos afirmar que algumas obras pertencentes ao acervo da literatura regional amazônica evidenciam fortemente fatores relacionados ao contexto histórico-social da região. A exemplo desta afirmação, citamos obras que fazem referência ao ciclo gomífero na Amazônia, como "Inferno Verde", do autor Alberto Rangel, "A Selva", de Ferreira de Castro, "Beiradão", de Álvaro Botelho Maia, entre outras, que quando analisadas, demonstram um expressivo teor histórico-social presente em sua composição, o que nos possibilita, por meio da análise, "[...] captar a estrutura social na estrutura da obra, ou seja, perceber como os elementos exteriores à criação literária, como o meio e a sociedade interferem na estrutura interna da obra" (BRITO, *op. cit.*, p. 130), o que nos faz perceber, ainda segundo Brito, como em uma análise crítica, o envolvimento de um conjunto torna-se inseparável.

3. Amazônia: das primeiras expedições ao ciclo gomífero – História e Ficção

O registro histórico da ocupação da região amazônica, conhecidos através dos relatos dos primeiros expedicionários europeus que se aventuraram pela Amazônia no início no século XVI, nos mostram um panorama de reconhecimento da "nova terra", cujo potencial vegetal e mineral, comprovado através de minuciosa catalogação de elementos da fauna e da flora, e dos rios da região, atraiu a cobiça desses expedicionários.

São relatos repletos de espanto, êxtase e admiração diante da imensa riqueza natural que a desmesurada região Amazônica, ainda desconhecida aos olhos dos europeus, poderia significar economicamente aos cofres estrangeiros. Esses "desbravadores", imbuídos por ideais

preconcebidos a respeito da Amazônia, imaginavam encontrar as mesmas riquezas que seus antecessores encontraram nos impérios Asteca e Inca.

O primeiro explorador a adentrar a Amazônia foi Francisco de Orellana (1541-1542), que tinha como cronista o Frei Gaspar de Carvajal. Carvajal produziu um relato que, segundo Wille Bolle "[...] pode ser considerado o texto fundador sobre a Amazônia[...]" (BOLLE, 2010**,** p. 19). Seguida por outras expedições, como a de Pedro Teixeira (1637) e La Condamine (1735), todas procuraram, a seu modo, divulgar ao mundo a descoberta de uma natureza imensa, exuberante e inexplorada, que tinha como entrada rios caudalosos rodeados pela impenetrável floresta, de onde emergiam visões mitológicas e lendárias, como o Eldorado, a fabulosa cidade encantada, toda construída em ouro, que deveria existir em algum lugar no meio das matas, ou no fundo do rio; e também as famosas guerreiras brancas, as Amazonas, exímias na arte da guerra, que se tornaram lendárias nas crônicas dos expedicionários, cujo nome homenageou o rio no qual, segundo eles (os cronistas), elas habitavam em suas proximidades.

De caráter extremamente cientifista, a expedição chefiada pelo francês La Condamine em 1735 foi, segundo Neide Gondim (2007), responsável por catalogar e divulgar várias espécies botânicas na Europa provindas da Amazônia, entre elas, a borracha, que já era utilizada pelos índios Omágua na produção de diversos artefatos, como bolas e outros utensílios. Outros produtos que eram consumidos pela população local, como o cacau, a baunilha, o cravo, a canela, a castanha-do-pará, o guaraná, também tornaram-se de grande valia para o mercado Europeu, passando a serem denominados "drogas do sertão", constituindo-se como novas especiarias.

Entre esses produtos o cacau ganhou grande destaque e proporcionou um lapso de ascensão capitalista na Amazônia no período colonial, durante os séculos XVII a XIX. Segundo Mário Ypiranga Monteiro (1998) este período refere-se à fixação do homem na terra, e a criação de condições para nela se estabelecer. Esse ciclo foi anterior ao da borracha, cujas casas tinham uma estrutura arquitetônica grande, com várias janelas, comodidade, móveis clássicos e redes armadas à sombra dos cacauais, o que leva o autor a classificar o ciclo do cacau na Amazônia como um período "*edênico*".

A "descoberta" da borracha possibilitou aos portugueses, segundo Márcio Souza, utilizá-la na produção de "bombas, seringas, garrafas e botas" (SOUZA, 1994, p. 128). Tais produtos passaram a ser contrabandeados para países europeus e cidades norte-americanas, despertando o interesse pela borracha extraída na floresta Amazônica.

A extração da borracha deu início a outra forma de exploração vegetal na Amazônia, proporcionada pelo capitalismo exterior. Se durante o período colonial a sociedade era voltada

ao extrativismo para suprir as necessidades do comércio interno e externo, durante a exploração da borracha a sociedade também era impulsionada a atender uma demanda estrangeira que, segundo Souza:

> [...] Num mundo dominado pela madeira, pelo ferro, o aço, o couro e os tecidos, a substância elástica que corria das árvores da floresta tropical era inigualável. Ela podia ser dobrada, inflada e a prova d'agua. Não conduzia eletricidade, absorvia impactos e quando esticada voltava à forma original num piscar de olhos. Mas foi necessária a chegada da segunda revolução industrial para se encontrar o que fazer com a borracha. As máquinas precisavam de um material como aquele, que absorvesse os impactos nas junções das peças mecânicas, que servisse para cintas flexíveis, que fizessem as engrenagens moverem-se suavemente sem desgastes, além de proporcionarem às bicicletas e demais veículos as rodas pneumáticas de borracha. (SOUZA, 2009, p. 257)

Assim, com o avanço gradativo dos processos industriais, a borracha tornou-se um produto de fundamental importância nos processos industriais e na manufatura dos produtos fabris europeus e norte-americanos.

Os dois principais períodos de exploração das riquezas naturais da Amazônia, o colonialismo e o ciclo da borracha, provocaram sérios "distúrbios sociais" que foram retratados em várias obras literárias regionalistas da Amazônia, seja no primeiro, o ciclo do cacau, impulsionado pela imposição da cultura europeia sobre a cultura local (indígena), e os fortes confrontos entre brancos e índios, com grandes perdas/massacres da população local; seja no segundo ciclo (da borracha), caracterizado pela migração e exploração, e/ou escravização, do povo nordestino, que veio para a Amazônia trabalhar na exploração da goma elástica enquanto fugia da seca que assolava o sertão nordestino.

O ciclo da borracha, do início a sua decadência, apresentou um cenário social bastante distinto do ciclo cacaueiro. Com base em Lucilene Gomes Lima (2009), de 1901 a 1911 a borracha viveu seu apogeu, mas a partir de 1913 a 1944 a borracha conhece seu declínio. Esses períodos foram marcados por violências e injustiças sociais, pois era uma economia extrativista que trazia benefícios somente para os afortunados "coronéis da borracha", através da exploração indiscriminada do seringueiro no interior da floresta amazônica.

Opondo-se ao chamado "*edenismo"* do período colonial, o ciclo da borracha é descrito, por Monteiro (1998), como "*infernismo"*, pois caracteriza-se pelas relações de desconfiança entre patrão e freguês, seringueiro e seringalista, cuja moradias dos trabalhadores eram improvisadas no meio da floresta. Este conceito caracteriza-se também pelo medo que os

seringueiros tinham dos ataques de animais e índios, da solidão e do isolamento no interior da floresta, das doenças tropicais, entre outros.

Durante este período muitas pessoas vieram trabalhar nos seringais da Amazônia, a esse respeito, Marcio Souza faz o seguinte apontamento:

> Entre 1877 e 1879, o nordeste brasileiro sofre uma das piores secas de sua história. Somente do Ceará, mais de 65.000 pessoas partem para a Amazônia, acossados pelo flagelo natural e pela crise da economia agrária. Esse contingente humano vai servir de mão-de-obra nos seringais[...]. (SOUZA, 1994, p. 133)

Tangidos pela seca, a maioria destes nordestinos deixavam suas famílias para não aumentarem os gastos durante a viagem para os seringais. Guiados pela necessidade, ambição, e pelo sonho de "fazer fortuna", ao chegarem à Amazônia deparavam-se com o ambiente hostil do seringal.

Os futuros seringueiros chegavam devendo a passagem do Nordeste ao seringal, suas moradias dentro da floresta eram precárias, possuíam uma carga horária de trabalho excessiva, alimentavam-se mal e não podiam plantar roça, ou seja, "é o homem que trabalha para escravizar-se" (CUNHA, 1999, p. 13).

Esses homens eram subordinados a um sistema que os prendiam ao patrão, denominado "sistema de aviamento", que funcionava através da venda de produtos necessário a sobrevivência no seringal, com preços altíssimos, enquanto a borracha por eles extraída era entregue no "barracão" por um valor irrisório. Assim, o patrão, através de contrato, só liberava o empregado quando este conseguia quitar sua dívida.

Segundo Euclides da Cunha,

> No próprio dia em que parte do Ceará, o seringueiro principia a dever: deve a passagem de proa até ao Pará (35$000), e o dinheiro que recebeu para preparar-se (150$000). Depois vem a importância do transporte num *gaiola* qualquer de Belém ao barracão longínquo a que se destina, e que é, na média, de 150$000. Aditem-se cerca de 800$ para os seguintes utensílios invariáveis: um boião de furo, uma bacia, mil tigelinhas, uma machadinha de ferro, um machado, um terçado, um *rifle* (carabina Winchester) e duzentas balas, dois carretéis de linha e um agulheiro. (CUNHA, 1999, p. 13)

Com isso, o trabalhador adquiria uma dívida alta que o deixaria preso ao sistema de exploração humana. Esta era umas das estratégias para deixar o seringueiro empenhado nas atividades de extração do látex, que enriquecia seus patrões.

Com a exploração da borracha, em seu período áureo, Manaus tornou-se uma cidade "modernizada", chegando a ser apelidada de "Paris dos trópicos", ganhou ruas calçadas, luz elétrica, bondes, um belo teatro e palacetes neoclássicos, construídos aos moldes europeus, para ostentação da classe dominante da época, o que, de acordo com Neide Gondim (2009), significou a ascensão da cidade de Manaus, que passou "de tapera à grande metrópole". Nesse período Manaus viveu seu apogeu, denominada de "belle-époque", que segundo Silva, o comércio lucrativo da borracha atraiu muitos comerciantes para Manaus:

> [a] "economia do látex", cuja exportação no Brasil, então, era superada apenas pelo café, atraiu também imigrantes de várias partes do mundo, como alemães, franceses, espanhóis, italianos, sírio-libaneses que, tangidos pelas dificuldades de sua terra natal, enxergavam a Amazônia como um novo território de oportunidades. Foi um período de riqueza abundante para os "coronéis da borracha", representantes da opulenta elite manauara, que importavam aos trópicos a alta cultura europeia, dos charutos e uísques à lingerie das madames. Até mesmo um majestoso teatro lírico foi projetado e construído pelos italianos, todo decorado com material europeu (SILVA, 2015, p. 16).

Tamanha riqueza ostentada na capital era mantida pelo trabalho dos seringueiros que viviam de forma miserável e degradante no interior da floresta, em ambiente hostil, solitários sem a presença feminina, pois, com base nos estudos de Euclides da Cunha (1999), na lógica capitalista do coronel da borracha, a mulher era um fator causador de gastos excessivos. Além disso, com a companheira por perto, o homem produziria menos, assim ela ficando no sertão, ele aumentaria seu esforço de trabalho com o intuito de voltar para a companhia da família o mais breve possível. Tudo isso consistia em estratégias de privação violenta, pois a estrutura armada nos seringais maquinava para que o sertanejo não retornasse mais à sua terra natal.

A presença feminina nos seringais era escassa, poucos seringueiros tinham mulheres, apenas aqueles que possuíam "saldo" poderiam usufruir da companhia feminina. Mas quando o saldo tornava-se negativo o patrão tomava a mulher do devedor e a entregava a outro seringueiro que tivesse saldo positivo. Tal situação pode ser exemplificada na obra *Inferno Verde*, de Alberto Rangel, por meio do emblemático conto *Maibi*, onde o autor mostra um dos arranjos comerciais no qual a mulher era utilizada como moeda de troca:

> Mas que negócio fora afinal firmado? O Sabino devia ao patrão sete contos de duzentos, que a tanto montava a adição das parcelas de dívidas de quatro anos atrás, e cedia mulher a um outro freguês do seringal, o Sérgio, que por sua vez assumia a responsabilidade de saldar essa dívida. O mais comum dos arranjos

> comerciais, essa transferência de débito, com o assentimento do credor, por saldo de contas (RANGEL, 2008, p. 121)[4].

Com base em fatos históricos do ciclo da borracha na Amazônia, muitos escritores exploraram, em suas obras, as mais diversas temáticas nas quais expunham a tragédia social que ocorria na época, principalmente em torno da figura opressora do coronel da borracha e a submissão e sofrimento do seringueiro. Logo, pode-se observar nestas narrativas as imagens de injustiças e penúrias as quais os seringueiros eram submetidos, isto é, o retirante que vinha para a Amazônia e que se deparava com um ambiente desconhecido e hostil, marcado, inclusive, pela escassez de presença feminina.

A escassez feminina tornou-se, nesse contexto, um sério agravante que veio a contribuir para que aflorasse nestes homens os instintos mais selvagens e animalescos, levando-os a cometer atos violentos e irracionais. São práticas desta natureza que nos chama a atenção no do romance "A Selva", de autoria de José Maria Ferreira de Castro, por meio dos vários personagens que compõem o enredo deste romance, e por isso, se tornará nosso principal foco de análise no presente trabalho.

4. Ferreira de Castro e o romance "A Selva"

José Maria Ferreira de Castro é um dos mais expressivos romancistas portugueses do século XX, traduzido e lido em todo o mundo, e também muito apreciado na ampla comunidade onde se fala a língua portuguesa. Ele deixou a aldeia de Salgueiros, freguesia de São Pedro de Ossela, em Portugal no ano de 1910, rumo a Belém do Pará aos doze anos de idade, veio "[...] mais carregado de sonho literário do que o barco de borracha" (CASTRO, 1989, s. p.).

Quando chegou ao Brasil esperava contar com a ajuda de um protetor, um tio português, que morava na cidade Belém-PA, mas descobriu que não havia lugar para ele na casa de aviamento de seu "duvidoso" benfeitor. Sem encontrar emprego em Belém e Manaus, foi obrigado a seguir para o seringal Paraíso, situado às margens do rio Madeira, no município de Humaitá, "durante o período de 1910 a 1914, quando o primeiro grande ciclo da borracha entrava em crise" (ALZENIR M. A. RABELO MENDES, p. 01).

---

[4] Esta obra teve sua primeira edição publicada no ano de 1908, neste trabalho utilizamos a 6ª. Edição, publicada em 2008.

No seringal viveu sob um regime de semiescravidão do qual escapou antes de atingir a maioridade. Apesar de ainda não ser adulto, já era um indivíduo maduro devido as experiências vividas até então.

Quando retornou a Portugal, em 1919, levou histórias vividas e testemunhadas que mais tarde lhe permitiram produzir obras como os romances "Emigrantes" (1928) e "A Selva" (1930), romances estes de grande repercussão tanto no Brasil como em Portugal. Sendo que sua segunda obra, "A Selva", foi traduzida para mais de 20 países, entre eles Alemanha, Argentina, Bélgica, Bulgária, Espanha, tornando-o precursor do neorrealismo português e um dos romancistas portugueses mais traduzido e lido em todo o mundo.

A obra "A Selva", que atualmente encontra-se na 42. Edição, trata-se de um romance de denúncia social em favor dos oprimidos, que são concretizados na figura dos seringueiros, seres aprisionados pelo ambiente da selva Amazônica, e subordinados à ambição inescrupulosa dos seringalistas e donos de casas aviadoras. Essa exploração do homem pelo homem, a atenção com a camada humilde composta de sofredores e oprimidos mostrados na obra, evidencia uma escrita de característica realista, a qual o autor foi adepto. Inclusive, no "PÓRTICO" de apresentação do romance, o autor demonstra de maneira explícita o caráter realista e denunciativo de sua obra:

> Eu devia este livro a essa majestade verde, soberba e enigmática, que é a selva amazônica, pelo que muito nela sofri durante os primeiros anos de minha adolescência e pela coragem que me deu para o resto da vida. E devia-o, sobretudo, aos anónimos[5] desbravadores, que viriam a ser meus companheiros, meus irmãos, gente humilde que me antecedeu ou acompanhou na brenha, gente sem crônica definitiva, que à extracção da borracha entregava a sua fome, a sua liberdade e a sua existência. [...] (CASTRO, Ferreira. s. p.).

Na obra "A Selva", nosso objeto de pesquisa neste trabalho, o protagonista é Alberto, rapaz de 26 anos, estudante do 4º ano de Direito. De descendência portuguesa, vem para Belém na condição de exilado, fugindo da perseguição política de seu país por ter participado da Revolta de Monsanto, e por defender ideias monarquistas na recém fundada República.

Alberto veio ao Brasil morar com o tio na cidade de Belém-PA, senhor Macedo, também português, dono de uma "detestável" hospedaria denominada "Flor da Amazónia", onde muitos seringueiros hospedavam-se. Era um homem extremamente ganancioso e encarava o sobrinho como um estorvo, pois era uma despesa a mais para ele. Assim, Macedo

[5] Optamos por manter a grafia original do texto transcrito.

logo conseguiu uma vaga para o sobrinho ir trabalhar no seringal Paraiso, desfazendo-se assim do incomodo hóspede.

Alberto foi levado ao seringal pelo agenciador Balbino depois da imposição de ter que assumir a dívida de um dos sertanejos que fugiu no decurso da viagem. E assim o jovem Alberto ingressa no seringal Paraíso, às margens do rio Madeira.

Partindo do conceito naturalista, de que as ações dos homens são determinadas pelos instintos, através do condicionamento ambiental e social, o ambiente no seringal, onde imperava o isolamento e a solidão, exercia forte influência sobre o comportamento dos seringueiros, pois era comum ver os homens serem governados pelo impulso, especialmente sexual. Esse impulso levava-os a praticar atos extremos, como crimes passionais e bestialidades, dentro do ambiente selvagem e isolado.

Os fatos ficcionais apresentados na narrativa de Ferreira de Castro ultrapassam a dimensão de uma simples ficcionalidade, pois na parte *Pequena História de A selva*, o autor revela a própria experiência traumática que vivenciou durante o período em que esteve na Amazônia:

> Foi [...] por isso, talvez que durante muitos anos tive medo de revivê-la literalmente. Medo de reabrir, com a pena, as minhas feridas, como os homens lá avivavam, com pequenos machados, no mistério da grande floresta, as chagas das seringueiras. Um medo frio, que ainda hoje sinto, quando amigos e até desconhecidos me incitam a escrever memórias, uma larga confissão, uma existência exposta ao Sol, que eu próprio julgo seria útil às juventudes que se encontrassem em situações idênticas às que vivi. (CASTRO, 1989, p.19)

A partir desta experiência "confessada", o autor nos proporciona uma produção ficcional realista/naturalista que será aqui tomada como objeto de análise, cujo direcionamento será voltado para a questão da escassez da mulher nos seringais da Amazônia e as consequências advindas dessa carência do ser feminino que se refletia em atos de extrema selvageria. Lembrando que o autor, segundo seu próprio testemunho, presenciou e vivenciou as privações de elementos básicos à manutenção da vida humana que culminavam no afloramento das mais inescrupulosas ações praticadas pelos seringueiros, ações estas evidenciadas no romance "A Selva" através dos vários personagens que compõem seu enredo, e que serão aqui analisadas a partir do objetivo proposto.

5. A escassez feminina na obra “A Selva” e suas possíveis consequências

A obra “A Selva” possui uma latente dimensão Realista/Naturalista, pois contém em sua narrativa fotografias de uma realidade concreta que denuncia a decadência de um sistema econômico desestruturado, exposto em uma obra regionalista. Segundo Massaud Moisés:

> [...] durante o predomínio realista, seguiu três direções fundamentais [...]: 1) realismo exterior, que defendia o aproveitamento das conquistas da Ciência, de molde a buscar o máximo de objetividade na fotografação da realidade concreta, e a transformar a obra de arte em arma de combate das instituições julgadas decadentes e incapazes de atender aos reclamos dos novos tempos[...]: 2) realismo interior, que preconizava como realidade objetiva não a aparência, mas a essência, dos seres e das coisas; de onde procurava vasculhar a psicologia íntima das personagens[...]; 3) a prosa regionalista, em que se miscigenam por vezes as duas tendências[...]. (MOISÉS, 2007, p. 248)

Ainda, com base em Massaud Moisés (2007), essas características estão presentes no romance e no conto pois, “os adeptos do Naturalismo procuraram reduzir a gênese dos conflitos pessoais e interpessoais a três fatores, a herança, o ambiente, e o momento” (MOISÉS, 2007, p. 254). Dessa forma, entendia-se que todo ser vivo estaria à mercê desses fatores de modo que o homem estaria submetido às condições gerais de vida existentes no planeta, chamando-se teoria determinista. Assim, o primeiro tem caráter orgânico e hereditário do comportamento humano; o segundo submete o comportamento do indivíduo a fatores geográficos, ao ambiente sócio cultural e as ocupações cotidianas; no terceiro, o comportamento está ligado as condições da época em que vive, subordinando o indivíduo a agir e pensar levando-se em conta características do seu tempo.

Ao empreendermos uma discussão analítica direcionada para a temática da escassez feminina na obra de Ferreira de Castro, somos impulsionados a observar e refletir a respeito dos diversos fatores sociais presentes nas narrativas ficcionais que abordam o período de exploração da borracha na Amazônia sob o viés das questões realistas/naturalista que permeiam essas narrativas, principalmente sob à essência íntima e psicológica das personagens, como nos alerta Massaud Moisés logo acima. Dentre estes fatores, a temática da “escassez feminina” se faz presente de maneira muito significativa, não por si só, mas por toda gama de ações e/ou reações que se desencadeiam a partir deste mote, cuja base nos remete ao conceito de “conflitos pessoais e interpessoais” de que nos fala Massaud Moisés.

Para uma melhor compreensão da dimensão psicológica que envolve esta temática, torna-se necessário também buscarmos orientações nos preceitos psicanalíticos freudianos,

principalmente aqueles derivados da denominada “teoria sobre a pulsão”, na qual seu autor, Sigmund Freud, na obra intitulada “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905), nos aponta que a teoria psicanalítica amplia o conceito de sexualidade a partir do pressuposto de que o desejo sexual não se restringe ao genital, e que este também ultrapassa a chamada “normalidade”, caracterizada pelas relações bissexuais nas quais a satisfação sexual acontece por meio do coito entre homem e mulher, relação esta considerada análoga ao ato de saciação da fome.

Ao estudar a respeito da “pulsão” sexual no ser humano, Freud observa os desvios em relação ao objeto sexual, que podem ser classificados como aberrações ou desvios a respeito do objeto sexual, como é caso das relações homossexuais, relações com pessoas sexualmente imaturas (pedofilia), com animais (zoofilia), entre outros, sendo os dois últimos “objetos” recorrentes nesta narrativa em análise, pois no decorrer da narrativa nos depararmos com ações que se desencadeiam a partir do mote da “escassez feminina” levando homens a cometer atos de extremada selvageria e “desvios de conduta”, como crimes passionais, pedofilia e zoofilia, que serão melhor discutidos no decorrer de nossa análise.

No romance “A Selva” as ações narrativas iniciam-se a partir do momento em que o jovem protagonista Alberto embarca no navio gaiola “Justo Chermont” rumo ao seringal Paraíso, localizado às margens do rio Madeira, nas proximidades do município de Humaitá-Amazonas. Inconformado por estar alojado na terceira classe do navio juntamente com futuros seringueiros, assim como ele, e em sua maioria nordestinos, Alberto juga-se em condição sociocultural superior a de seus companheiros de viagem. Mas depois de passar por humilhações e resignações durante a viagem, o protagonista vai modificando suas concepções em relação aquelas pessoas, pois ele observa nomes familiares de Portugal que batizavam cidades, ocasionando-lhe

> [...]saudades topomizantes que os colonizadores portugueses levaram, outrora, a uma soma formidável de ambições. Mas, agora, a recordação desse tempo remoto, que a distância cobria o fausto de heroísmo, afagava-lhe o espírito, numa íntima vingança contra a indiferença que os cearenses e até os moços de convés, todos uns rudes párias manifestam pela condição de civilizado que ele creditava a si próprio. (CASTRO, 1989, p. 44)

Tão logo desembarca no seringal, Alberto observa Balbino, recrutador de mão de obra, contando os “futuros brabos”. Instintivamente Alberto compara esta cena com a dos escravos que eram transportados pelos navios negreiros e comercializados entre os senhores proprietários de lavouras ou minas, cuja mão de obra negra seria utilizada de forma escrava nas lavouras e

mineradoras. A ação de Balbino, exercida com naturalidade, chama à atenção de Alberto como indício da prática trabalhista exercida naquele ambiente.

Após a ação inicial do agenciador, os “brabos” percorrem um trajeto até chegarem à sede administrativa do seringal. Ali havia duas principais construções, a casa do dono do seringal e um velho barracão, onde ficava a borracha e era colocado em prática o processo de aviamento. Ao redor, nas proximidades, podia-se ver também os caminhos chamados de “varadouros”, que ligavam o barracão ao centro da floresta.

Era no “centro” que Alberto, juntamente com Firmino e Augusto, ficaria estabelecido em uma pequena barraca com dois cômodos, feita de paxiúbas, situada no interior da floresta. Isso gerava o temor de serem atacados por índios ou animais ferozes na escuridão da selva. Esse temor também era externado durante a coleta da seringa na “estrada”, que ficavam localizadas no interior da floresta, quando estariam expostos a todos esses perigos, além também de pragas como os mosquitos, evidenciando, assim, a existência de um verdadeiro inferno.

Após o período de adaptação dos brabos, “os quinze dias de tradição”, Balbino, Alípio e Caetano foram realizar “visitas” nos centro e varadores do seringal, a fim de verificar como andava o aprendizado e a produção dos recém chegados. Balbino trouxera uma égua a qual deixou-a amarrada próximo a barraca, em seguida foi vistoriar as estradas. Após o capataz retirar-se, Alberto fica pasmo ao flagrar a seguinte sena:

> [...] Alberto enxergou, atrás do canavial, algo de muito estanho, que o deixou estupefacto. A égua fora levada para ali e junto dela estava Agostinho, trepado num caixote, com a roupa descomposta.
> Não quis acreditar. Abriu muito os olhos e fixou melhor. Não, não era ilusão.
> -Firmino! Firmino... Olhe... – murmurou, no seu espanto.
> O mulato riu em catadupa e gritou para Agostinho:
> -Aí, seu cabra escovado!
> Alberto quebrou-se a contemplá-lo, sombria e severamente. (CASTRO, 1989, p. 96)

Alberto, com base em seus princípios morais e religiosos, reprovava aquela atitude severamente. Mas no decorrer de uma conversa com Firmino este justifica a cena, evidenciando uma mudança comportamental devido à ausência de mulheres no local,

> [...] Firmino inclinou a cabeça e disse com voz sumida:
> -Não há mulher... Que vai um homem fazer aqui?
> -É horrível! É horrível!
> -Também seu Alberto irá, um dia, laçar vaca ou égua...
> -Eu? Não diga isso! Proíbo-lhe que me diga isso, ouviu?

> -Você verá, seu moço, você verá... Deixe chegar o dia... (CASTRO, 1989, p. 97)

Com a justificativa de Firmino, ele prenuncia o que poderia acontecer com o jovem português ao permanecer naquele ambiente de isolamento, assim como também enfatiza Lima, segundo a qual, nessa condição "[...] o ambiente amazônico animaliza o ser humano [...]" (LIMA, 2009, p. 136).

Poucos dias depois do fato ocorrido no barraco, Alberto acompanha Firmino durante uma pescaria e questiona ao cearense o porquê da ausência de mulheres no seringal, e Firmino lhe dá os seguintes esclarecimentos:

> [...]
> -Não; não há. Para seringueiro sem saldo, não há...
> -Porquê?
> -Porque seu Juca não quer.
> -Ora essa!
> -Seu Juca é quem manda buscar os brabos ao Ceará e lhes paga as passagens e as comedorias até aqui. Se eles viessem com as mulheres e a filharada, ficavam muito caros. Depois, se um homem tivesse aqui a família, trabalhava menos para o patrão. Ia caçar, ia pescar, ia tratar do mandiocal e só tirava seringa para algum litro de cachaça ou metro de riscado de que precisasse. E seu Juca não quer isso. O que seu Juca quer é seringueiro sozinho, que trabalha muito com a ideia de tirar saldo para ir ver a mulher ou casar lá no Ceará. (CASTRO, 1989, p. 103)

E prossegue:

> É uma desgraça! Alguma mulher que há, é de seringueiro com saldo, que a mandou vir com licença de seu Juca. Mas são mulheres sérias e, se não fossem, o homem lhe metia logo uma bala no corpo e outra no atrevido. Aqui é assim. Se aparecesse uma mulher sozinha, todos nós nos matávamos uns aos outros por causa dela. Mas não aparece... Qual é a mulher sozinha que tem coragem de vir para estas brenhas? (CASTRO, 1989, p. 103)

Na elocução simples do sertanejo está a constatação da ausência da figura feminina nos seringais como decorrência da prática dos coronéis de não conduzir para ali nordestinos acompanhados da família, pois provocaria excesso de gastos durante a viagem até o seringal, e a distância da família serviria como contribuição motivacional na produção diária do seringueiro ansioso para retornar para sua família. Esse fator deixa Firmino revoltado quando vocifera: "É uma desgraça!", instruindo o jovem Alberto que ainda desconhecia aquela realidade.

A esse respeito, Antônio Candido (1993), ao analisar as manifestações Naturalista no romance “O cortiço”, de Aluísio Azevedo, ressalta que a perspectiva naturalista ajuda-nos a ter uma melhor compreensão do mecanismo de exploração impetrado pelo homem sobre um determinado grupo, onde a natureza (meio) condiciona e define as relações humanas. Trata-se de uma força determinante que atua sobre os impulsos humanos contrabalanceada ao mecanismo de exploração que rompe contingências e se aproveita de fatores circunstanciais transformando-os em estratégias lucrativas.

Com base em Lima (2009), a mulher era um dos maiores objetos de desejo almejado pelos seringueiros, e sua ausência provocava mudanças comportamentais nos homens que ali viviam. Como é o caso do seringueiro João Fernandes, um idoso que tinha conseguido ficar com saldo e por isso poderia usufruir da companhia feminina. Quando ele veio a óbito, deixou a viúva com mais de 70 anos, e esta não quis outro homem, desfazendo-se dos que foram lhe bater à porta. Os seringueiros inconformados com a abstinência e recusa da viúva resolveram juntar-se e levá-la à força para o mato, e lá a estupraram, deixando-a morta.

Agostinho, também, cometeu um crime que impressionou o seringal Paraíso. Ele desejava a filha de Lourenço que era impúbere. Firmino dizia que “A mocinha já tem muitos focinhos atrás dos passos dela como tamanduá-bandeira cheirando os formigueiros...” (CASTRO, 1989, p. 118-119). O pai da menina negou a filha à Agostinho, então o sertanejo, movido pela ira, matou o pai da moça desferindo golpes de terçado na vítima, fugindo em seguida. A cena mostra como o sexo feminino era disputado entre esses homens, cuja busca por saciar o desejo sexual enquadra-se claramente nos conceitos freudianos de pulsão e desvios de conduta sexual do ser humano, que ora se “justificam” também dentro dos conceitos naturalistas.

Segundo Souza, nesse ambiente,

> [...] a mulher estava integrada sob diversas formas de submissão. Com o extrativismo da borracha, em que a procura era maior que a oferta, ela seria transformada em bem de luxo, objeto de alto valor, um item precioso na lista de mercadorias, uma mobília. (SOUZA, 2009, p. 264)

Com o passar dos dias, e a solidão extrema no interior da floresta, Alberto começa a dar sinais de alteração de comportamento devido à ausência feminina, parecia que a profecia de Firmino principiava a concretizar, evidenciando mudança de conduta humana nos moldes naturalista. Uma noite Firmino e Alberto foram recolher peixes de uma armadilha deixada em um lago. Os peixes pescados tinham escamas que brilhavam à luz do luar, Alberto observou o

brilho e ficou em um estado de volúpia, começando a ter delírios, viu "[...]as escamas de prata alongarem-se e, com elas, mãos invisíveis irem modelando um corpo feminino, esbelto e nu. E agora os olhos dele transportavam adormecida mulher, que uma nesga de luar envolvia cariciosamente, como um véu diáfano" (CASTRO, 1989, p. 105).

Este não foi o único episódio durante a narrativa no qual o jovem protagonista revela sua "fraqueza" diante da voluptuosidade dos impulsos sexuais. Em outra ocasião Alberto, ao ver um jardim com orquídeas, começa a pensar em lábios carnosos de mulher, e as variadas formas das plantas fazem alusão a órgãos sexuais femininos. Ao colhê-las, ele as tratava com voluptuosidade, como se fosse parte do corpo de uma mulher.

Por não se adaptar ao serviço de corte e extração do látex, Alberto é transferido para o armazém, que ficava na margem, onde passou a trabalhar como auxiliar do guarda-livros, senhor Guerreiro. Nesse ambiente Alberto passou a sentir-se atraído pela presença de Dona Yaiá, esposa do senhor Guerreiro. Ele passava muito tempo espairecido, observando o corpo daquela mulher bonita e de sorriso afável, e até na escuridão da noite, de olhos fechados, ele conseguia vê-la.

A falta de uma companhia feminina estava afetando o comportamento de Alberto. Nos dias em que o guarda-livros, na hora do almoço, o convidava para sentar-se à mesa, "[..] seus olhos de macho buscavam a fêmea insistentemente" (CASTRO, 1989, p.162), e ficava até tarde na galeria, para permanecer mais tempo observando dona Yaiá. Apesar dos desejos incontidos, ele procurava manter a postura se autocensurando, entendia que não estava agindo com lealdade com o chefe que o tratava de forma hospitaleira.

Os pensamentos de autocensura, ou tentativas de autocontrole, logo eram extrapolados pela avassaladora luxúria que o dominava, pois ele ficava espiando dona Yaiá nos momentos em que ela tomava banho no cercado do quintal, saindo dali queimando em volúpia. A febre do sexo sentida por Alberto era tão forte que nem um banho frio conseguia apagar, "o clamor sexual assomava incontrolavelmente, tomando conta da mente e do corpo." (LIMA, 2009, p. 125). Isto gerava um sentimento de repugnância no protagonista, deixando-o indignado, pois não queria iguala-se a Agostinho e Firmino que chegaram até a praticar a zoofilia.

Alberto sabia que dona Yaiá jamais consentiria a intimidade pretendida por ele, então:

> Sentindo-se, ele próprio, com modos de autómato, dirigiu-se ao alpendre onde se guardam os laços. Palpou as cordas na obscuridade, com os dedos escolheu uma; e cá fora ensaiou-a, abrindo-a e atirando-a várias vezes para um quadrúpede imaginário. (CASTRO, 1989, p. 169)

O disposto acima demonstra Alberto agindo de forma aviltante, pois escolheu um dos laços e começou a laçar uma fêmea qualquer, imaginária, do mundo animal, na intensão de satisfazer seu desejo sexual, atitude antes reprovada pelo protagonista.

Assim, o abrasamento sexual proporcionado pela escassez feminina estava afetando a racionalidade de Alberto, tornando-o, momentaneamente, irracional, porque no fundo da consciência vinha a auto reprovação. Tal situação demonstra seu comportamento subversivo ocasionado pela carência sexual, que parecia dominar seus instintos. Assim como os outros seringueiros, ele é dominado pelo meio e consequentemente sua natureza sucumbe a igual patamar a natureza dos demais seringueiros por ele considerado inferiores.

Dominado por um abrasamento que não esmaecia, que continuava a consumi-lo, em outra ocasião Alberto tentou seduzir nhá Vitória, uma senhora na casa dos sessenta anos, que contratara para lavar a sua roupa. Quando esta estivesse sozinha com ele, na casa, o plano seria posto em pratica. Porém esta, ao perceber as intenções do rapaz, que lhe acariciava a pele engelhada, censurou-o e saiu às pressas, deixando-o em estado assombrado. Segundo Lima (2009), o protagonista percebe a sua fraqueza perante os desejos carnais quando "nhá Vitória [...] ressente-se de seu ato desrespeitoso, que não lhe considera sequer a idade avançada, e denuncia-o ao guarda-livros Guerreiro. Esse vexame cai-lhe como um balde de água fria [...]" (LIMA, 2009. p. 126).

Naquele momento Alberto percebe que seu instinto estava exercendo fortíssima influência sobre seus atos. Com isso, ele próprio constatava que "[...] não havia certamente limite algum para as baixezas a que um ser humano podia descer, se o escravizavam e privavam de tudo quanto era essencial à vida" (CASTRO, 1989, p. 179).

Outro fator provocado pelas privações enfrentadas por aqueles homens era a embriagues. Os seringueiros usavam a bebida como anestésico para a vida de sofrimento e escassez, com isso a cachaça era um dos produtos mais requisitados nos barracões:

> [...] semana se volvia em impaciência, semana negra como a água do igapó, dias longos em que a amargura sufocava e a boca exigia o ardor da esquece-sofrimentos. A embriaguez periódica, era a única evasão do espírito, o único facho na longa noite da masmorra verde (CASTRO, 1989, p. 112).

A cachaça ingerida durante as festas parecia provocar alguns momentos de bem-estar. Essas festas eram realizadas durante a noite nos finais de semana, onde surgiam as poucas mulheres existentes no seringal. Essa visão preciosa fazia com que os homens permanecessem

embebedados de volúpia, “[...] as cinco mulheres davam um pouco do seu contacto[6] e do seu calor perturbante. Dilatavam-se os olhos masculinos, os lábios entumeciam-se, a lascívia ia em onda alta, abrangendo todos os movimentos e emprestando a alguns dos rostos súbita expressão de loucura” (CASTRO, 1989, p.119).

Com o desejo sexual aflorado, os homens corriam para o lago, mergulhando na água fria na tentativa de cessar aquele abrasamento. E ao retornarem ainda molhados, para a festa, “Várias monstruosidades estavam ali em hipótese, em íntima admissão, e seriam imediatas realizadas se a frouxa luz do farol se apagasse de vez” (CASTRO, 1989, p.119).

Dessa forma, ao analisarmos a temática da escassez feminina no romance “A Selva”, podemos constar o quanto esse elemento delineia as condutas de um grupo de pessoas exploradas em um ambiente selvagem, impulsionado por uma política social degradante. Essa política condicionou uma nova forma de escravidão, pois pequenos grupos enriqueciam enquanto o outro grupo, maior parte, era oprimido. Assim, o autor do romance aqui analisado nos expõe um panorama de acontecimentos significativos para a literatura regional amazônica, combinando ficção e realidade histórica.

[6] Optamos por manter a grafia original do texto transcrito.

Conclusão

O Amazonas em seu transcurso histórico passou por dois ciclos importantes que influenciaram na construção da cultura do povo amazônico. Dentre estes, o ciclo da borracha foi um período de exploração humana e vegetal nos seringais amazonenses. Assim, os seringueiros viviam nos seringais privados da companhia de mulheres, pois elas causavam excesso de despesas para o sistema de aviamento.

Essa escassez feminina no ambiente seringalesco, observado na obra "A Selva", provocava comportamentos bestiais dos seringueiros em um clima hostil proporcionado pela floresta. Desta forma, os seringais seguiam leis que regiam as relações sociais previamente determinadas naquele ambiente, fatos estes muito evidentes quando nossa leitura toma como embasamento preceitos da crítica sociológica, o que nos proporciona entender a natureza da narrativa também como um ato de denúncia social de um grupo de pessoas desfavorecidas vivendo em condições subumanas no interior da floresta amazônica.

É possível observar também, a partir da análise em questão, que o romance "A Selva" nos apresenta uma clara visão das características Realistas e Naturalistas, acompanhadas de um forte determinismo, pois a injustiça social, a miséria econômica, o isolamento, o desenraizamento dos seringueiros, na sua maioria nordestino, o endividamento no armazém, a ausência de perspectivas em relação ao futuro, em parte decorrente da queda do preço da borracha, o embrutecimento dos seringueiros por meio do trabalho, do isolamento e da cachaça, a exibição do autoritarismo de Juca Tristão, as cenas de zoofilia, o ciúme, o desejo sexual, entre outros, comprovam de maneira significativa a existência das características e fatores mencionados em nossa análise.

Em meio a toda essa cena degradante, a carência da presença feminina tornou-se um dos principais fatores responsável pela mudança de conduta dos seringueiros. Essa situação está expressa de forma bastante clara na narrativa ficcional de Ferreira de Castro, revelando uma sociedade pobre e vulnerável que se sucumbe sob as forças que a natureza o meio exercem sobre si.

Por fim, o romance "A Selva" busca nos apresentar, através da narrativa ficcional, um pouco do que foi o mundo seringalesco na Amazônia, evidenciando aspectos cruéis e ao mesmo tempo reais por meio de uma linguagem muito bem elaborada, rica em descrições do ambiente da floresta Amazônica marcando, assim, os caminhos da literatura regional amazonense que procurou retratar de diferentes formas o período de exploração da borracha nos seringais da amazonenses.

Referências

BOLLE, Willi; CASTRO, Edna; VEJMELKA, Marcel (Org.). **Amazônia: Região Universal e Teatro do Mundo**. São Pulo: Globo, 2010.

BRITO, Clovis Carvalho; SANTOS, Robson (org.). **Escrita e Sociedade: Estudos de Sociologia da Literatura**. Goiânia: Editora da UCG, 2008.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CANDIDO, Antônio. **O discurso e a cidade**. São Paulo; Duas cidades, 1993.

CASTRO, Ferreira de. **A Selva**. 37ª ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1989.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, análise, didática**. 7ª ed. rev. São Paulo: Moderna, 2009.

GOLDMANN, Lucien. **Sociologia do romance**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GONDIM, Neide. APRESENTAÇÃO – Os romances da borracha. In.: LIMA, Lucilene Gomes. **Ficções do ciclo da borracha**. Manaus, EDUA, 2009.

_____. **A invenção da Amazônia**. 2. Ed. Manaus/AM: Valer, 2007.

LIMA, Lucile Gomes. **Ficcções do ciclo da borracha: A Selva, Beiradão e Os amantes das amazonas**. Manaus: Editora da Universidade federal do Amazonas, 2009.

MENDES, M. A. A. R; FARIAS, M. M. M; CUNHA, M. J. **O Neo - Realismo em a Selva, de Ferreira de Castro**, In: Usina de Letras. Disponível em: < http://www.usinadeletras.com.br/ exibelotexto.php?cod=43186&cat=Artigos>. Acesso em 20 de setembro de 2014.

MOISÉS, Massaud. **Literatura Brasileira através dos textos**. 26ª ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Fatos da Literatura Amazonense**. EDUA, 2ª Ed. Revisada, 1998.

SIGMUND Freud, Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In.: **Obras psicológicas completas**: Edição Stndard Brasileira. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

SILVA, Joanna. **A mulher e o poder na ficção de Milton Hatoum. Appris: Curitiba, 2015.**

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2009.

_____. **Breve história do Amazonas**. São Paulo: Editora Marco Zero, 1992.

_____. Período Colonial, In: **A expressão amazonense – do colonialismo ao neocolonialismo**. Manaus: Valer, 2ª Ed. 2003, p. 47-8.

WALTHSINEI, CREIO QUE SEU TRABALHO ESTÁ OK,

PEÇO QUE VC IMPRIMA UMA CÓPIA E FAÇA UMA LEITURA COMPLETA E CUIDADOSA, OBSERVANDO SE REALMENTE NÃO ESTÁ "FALTANDO NADA" ;

VERIFIQUE TBM AS REFERÊNCIAS, VEJA SE TODOS OS AUTORES/CRÍTICOS CITADOS NO CORPO DO TEXTOS ENCONTRAM-SE REFERENCIADOS, E TBM SE POR ACASO VC REFERENCIOU ALGUM QUE NÃO ESTEJA NO TEXTO, NESSE CASO, EXCLUA-O.

O PRÓXIMO PASSO É PREPARAR A APRESENTAÇÃO.